

## **MINIMALISMO – UMA ENTREVISTA COM JAIRO NUNES**

Jairo Morais Nunes

Universidade de São Paulo

**ReVEL – A Sintaxe Gerativa chomskyana já passou pela *Teoria Padrão*, *Teoria Estendida*, *Teoria da Regência e Ligação*. Por que Chomsky se refere ao Minimalismo como “Programa Minimalista” e não “Teoria Minimalista”?**

**Jairo Nunes** – O Programa Minimalista se propõe a explorar a hipótese de que a faculdade da linguagem tem domínios que são regidos por questões de economia e otimização. Chamar o conjunto de pesquisas com essa preocupação de *programa* ressalta o fato de que, mais que a formalização de um conjunto consolidado de conhecimentos, trata-se de uma empreitada científica que requer esforço interdisciplinar e pode ser ainda muito cedo para que as questões pertinentes possam ser adequadamente respondidas ou mesmo formuladas, dados os variados graus de desenvolvimento das disciplinas envolvidas.

**ReVEL – O senhor tem participado de perto de debates interessantes sobre o Programa Minimalista, desde os primeiros desenvolvimentos do Minimalismo na década de 1990. Conte-nos como foi – e como ainda está sendo – mais essa transição no modelo de Sintaxe chomskyana para o Programa Minimalista.**

**Jairo Nunes** – Creio que o título de um dos últimos trabalhos do Chomsky, “Beyond Explanatory Adequacy”, sintetiza bem os novos horizontes que se espera que o Programa Minimalista explore. A segunda metade do século XX foi marcada por grandes avanços na descrição das propriedades estruturais das línguas humanas (a chamada adequação descritiva), bem como pelo desenvolvimento do modelo de Princípios e Parâmetros, que formulou uma hipótese sobre o formato da faculdade da linguagem que pela primeira vez permitiu que o fascinante “Problema de Platão” no domínio da linguagem – como as crianças passam a dominar estruturas lingüísticas incrivelmente complexas na ausência de evidência sobre essa complexidade em sua experiência – pudesse ser explorado com considerável sucesso (a chamada adequação explanatória). O passo além que o Programa Minimalista pretende dar é investigar por que a faculdade de linguagem tem as propriedades que tem e não outras propriedades concebíveis. Evidentemente esse tipo de pergunta só pode ser seriamente contemplado uma vez que temos à disposição o formidável conjunto de conhecimento sobre a estrutura e aquisição das línguas naturais alcançado na segunda metade do século passado. Como eu mencionei antes, pode ser que ainda seja muito prematuro para que esse tipo de pergunta possa encontrar hoje alguma resposta satisfatória. Mas o mero fato de que já existe um programa de pesquisa devotado a essa questão reflete o promissor e instigante estágio em que os estudos sobre a linguagem humana se encontram.

**ReVEL – Historicamente, percebemos que, desde o começo da teoria gerativo-transformacional nos anos 1950, o papel das transformações foi sendo gradativamente reduzido. Hoje há modelos sintáticos formais bastante interessantes (como a HPSG e a LFG) que não lidam com movimento ou transformações. O senhor acredita que a noção de movimento também poderá ser descartada em futuras versões da teoria gerativa chomskyana?**

**Jairo Nunes** – Bem, essa pergunta pressupõe que se separem os fenômenos lingüísticos do aparato técnico desenvolvido para dar conta desses fenômenos. Uma das propriedades centrais das línguas humanas é que constituintes

sintáticos podem aparecer numa determinada posição e ser interpretados como se estivessem ocupando outra posição na sentença. Qualquer modelo que se quiser adequado terá que capturar esse fato. Alguns modelos fazem isso postulando uma operação formal, que **metaforicamente** recebe o nome de movimento. Gostaria de enfatizar, que *movimento* é um termo metafórico para descrever um determinado passo computacional que nada tem a ver com a noção de movimento empregada em física ou no uso comum. Afinal de contas, nenhum sintaticista mede a velocidade dos constituintes que se “movem”. A questão então diz respeito à adequação dos vários dispositivos técnicos de que um modelo lança mão para descrever essa propriedade de “deslocamento” das línguas naturais. Em geral, grande parte do debate é improdutivo na medida em que as alternativas no fundo não passam de variantes notacionais e fazem as mesmas previsões empíricas. Existem, no entanto, alguns casos em que modelos derivacionais e modelos representacionais fazem previsões diferentes e o resultado do debate em andamento com certeza será de grande relevância para os estudos da mente humana com um todo. Respondendo, então, à pergunta:

(i) se *movimento* for tomado como um termo metafórico para descrever a chamada propriedade de deslocamento das línguas naturais, minha resposta é negativa: a menos que haja alguma mudança genética na espécie humana, movimento sempre será parte das análises sintáticas, pois não há língua natural que não envolva movimento;

(ii) se *movimento* for tomado como o dispositivo técnico empregado em alguns modelos sintáticos a partir do trabalho de Chomsky 1973, minha resposta é positiva. Uma das questões que se têm levantado dentro do Programa Minimalista diz respeito exatamente ao estatuto teórico da operação Mover dentro do sistema. Em meu próprio trabalho, tenho argumentado que, se a operação complexa Mover for tomada como resultante da interação das operações básicas Copiar e Conectar (“Merge”), o sistema não só ganha em elegância formal, mas também amplia seu domínio de cobertura empírica.

**ReVEL – Algumas idéias centrais em modelos anteriores da teoria gerativa (como a estrutura-D, a Estrutura-S, a teoria X-barra, etc.) estão sendo abandonadas ou inteiramente revistas. Para dar conta dos fatos lingüísticos, outras noções estão sendo introduzidas. O senhor poderia explicar um pouco sobre as principais inovações do Programa Minimalista em relação à Teoria dos Princípios e Parâmetros e à Teoria da Regência e Ligação?**

**Jairo Nunes** – Uma das linhas mestras de investigação dentro do Programa Minimalista é tentar determinar em que medida as propriedades associadas à faculdade da linguagem são de fato propriedades intrínsecas da faculdade de linguagem ou são reflexo de uma interação otimizada entre a faculdade da linguagem e outros módulos da mente. Para lidar com essa questão geral, que retoma a questão da autonomia da sintaxe, todo o aparato conceptual e técnico desenvolvido anteriormente tem sido submetido a uma meticulosa reanálise.

Por exemplo, uma das principais hipóteses do Programa é que níveis de representação sintática, se existirem, devem ser conceptualmente motivados em termos das interfaces da faculdade da linguagem com outros módulos da mente. Nesse sentido, níveis como Estrutura-D e Estrutura-S se tornam suspeitos na medida em que sua motivação é essencialmente interna ao modelo. Vários trabalhos foram então desenvolvidos para investigar se esses dois níveis poderiam ser eliminados e os resultados parciais são bastante animadores. Dentro dessa reavaliação surge a questão de como objetos sintáticos são montados, uma vez que não se dispõe de Estrutura-D. A solução foi retomar a noção de transformação generalizada e desenvolver um modelo em que constituintes sintáticos complexos (sintagmas) são formados pela operação Conectar (“Merge”), que concatena dois objetos sintáticos e identifica o núcleo do objeto complexo resultante. Essa visão de “montagem” sintática, por sua vez, permitiu que se derivassem várias propriedades que eram axiomáticas na Teoria X’.

Uma outra propriedade distintiva das investigações no Programa diz respeito à importância que se dá à interpretabilidade dos traços manipulados pela computação sintática. Numa computação totalmente otimizada, seria de se

esperar que todo traço recebesse interpretação na interface. No entanto, uma das propriedades marcantes das línguas naturais é que determinados traços são redundantemente especificados sem que contribuam para a interpretação, como as marcas de feminino e plural do adjetivo em *meninas altas*. Como nem todo traço recebe interpretação na interface, isso pode sugerir que a computação sintática em si seja responsável por eliminar traços não interpretáveis. Essa linha de investigação põs fenômenos de concordância como ponto crucial no modelo. Em outras palavras, uma das perguntas sobre o porquê das coisas que eu mencionei antes: Por que deveria haver concordância nas línguas naturais? Finalmente, como último exemplo, uma das hipóteses mais intrigantes do Programa é que a computação sintática está sujeita a questões de otimização que tomam certas operações como mais econômicas que outras. Nesse domínio de investigação, interessam sentenças que, apesar de julgadas inaceitáveis, são perfeitas em relação aos seus *outputs* fonético e semântico, sugerindo que o problema não está no objeto lingüístico resultante, mas no processo de construção desse objeto.

**ReVEL – O senhor poderia sugerir algumas leituras para quem deseja começar seus estudos em Sintaxe Minimalista? E poderia comentar um pouco a respeito de seus dois últimos livros *Understanding Minimalism* e *The Copy Theory of Movement*?**

**Jairo Nunes** – Para uma visão geral do Programa com ênfase nas questões conceptuais, eu sugeriria os livros *Rhyme and Reason: An Introduction to Minimalist Syntax* (MIT Press, 1998), de autoria de Juan Uriagereka, e *Linguistic Minimalism: Origins, Concepts, Methods, and Aims* (Oxford University Press, 2006), de autoria de Cedric Boeckx; para uma discussão do aparato técnico e das mudanças a partir do modelo de GB, eu sugeriria *Understanding Minimalism* (Cambridge University Press, 2005), de autoria de Norbert Hornstein, Jairo Nunes e Kleanthes K. Grohmann; finalmente, para uma seleção de textos relevantes, eu sugeriria *Minimalist Syntax: The Essential Readings* (Blackwell, 2007), organizado por Željko Bošković and Howard Lasnik.

Como eu mencionei acima, *Understanding Minimalism* é um livro de introdução ao Programa Minimalista, com ênfase nas mudanças ocorridas a partir do modelo de *GB*. Cada capítulo começa com uma discussão sobre como determinado domínio empírico era tratado dentro de *GB*, examina se o aparato técnico utilizado está em consonância com as linhas gerais do Programa Minimalista e apresenta pelo menos uma possibilidade de análise dentro de um quadro mais enxuto e com bases conceituais mais sólidas. O livro é talhado para ser utilizado num curso de pós-graduação durante um semestre e conta com um considerável número de exercícios para cada capítulo, com vários graus de complexidade.

*The Copy Theory of Movement* (John Benjamins, 2007), organizado em parceria com Norbert Corver, agrupa trabalhos desenvolvidos dentro do Programa Minimalista que exploram aspectos da teoria de movimento por cópia, com particular atenção ao mapeamento sintaxe-fonologia. O livro está dividido em quatro partes. Na primeira parte, Željko Bošković e eu revisitamos uma série de argumentos a favor da teoria de movimento por cópia, baseados principalmente em nossos trabalhos anteriores sobre realização fonética de cópias mais baixas (vestígios) e realização fonética de mais de uma cópia. As duas partes seguintes envolvem estudos de casos referentes a essas possibilidades: a segunda parte envolve estudos sobre realização fonética de mais de uma cópia em português europeu (Ana Maria Martins), nupe (Jason Kandybowicz), mandarim (Lisa Cheng) e holandês (Norbert Corver); já a terceira parte discute ocorrências de realização fonética de cópias mais baixas em servo-croata (Sandra Stjepanović) e egípcio cóptico (Chris Reintges). Finalmente, a quarta parte discute outros aspectos da teoria de movimento de cópia no mapeamento sintaxe-fonologia: a questão da ciclicidade no apagamento de cópias (Tomohiro Fujii), a questão da acessibilidade sintática de cópias (Marjo van Koppen) e uma discussão sobre o estatuto de pronomes dentro de uma visão em que reflexivos são cópias (Norbert Hornstein).